

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENVELHECIMENTO HUMANO

LARISSA SASSO BERNARDI

VIVÊNCIAS E DESAFIOS: UM OLHAR
SOBRE A SEXUALIDADE E
ENVELHECIMENTO DE MULHERES
LÉSBICAS

Passo Fundo

2024



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENVELHECIMENTO HUMANO

LARISSA SASSO BERNARDI

VIVÊNCIAS E DESAFIOS: UM OLHAR SOBRE A SEXUALIDADE E
ENVELHECIMENTO DE MULHERES LÉSBICAS

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em
Envelhecimento Humano, do Instituto da
Saúde, da Universidade de Passo Fundo.

Orientador(a): Cristina Fioreze
Coorientador(a): Ana Suy Sesarino Kuss

Passo Fundo

2024

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

“VIVÊNCIAS E DESAFIOS: UM OLHAR SOBRE A SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO DE MULHERES LÉSBICAS”

Elaborada por

LARISSA SASSO BERNARDI

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
“Mestre em Envelhecimento Humano”

Aprovada em: 22/03/2024
Pela Banca Examinadora

Profa. Dra. Cristina Fioreze
Universidade de Passo Fundo – UPF/PPGEH
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Suy Sesarino Kuss
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Coorientadora

Profa. Dra. Anelise Rebelato Mozzato
Universidade de Passo Fundo – UPF/PPGEH
Avaliadora Interna

Profa. Dra. Flávia Maria de Paula Soares
Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR
Avaliadora Externa

Profa. Dra. Ana Luisa Sant'Anna Alves
Universidade de Passo Fundo – UPF/PPGEH
Coordenadora do PPGEH

CIP – Catalogação na Publicação

B523v Bernardi, Larissa Sasso
 Vivências e desafios [recurso eletrônico] : um olhar
 sobre a sexualidade e envelhecimento de mulheres lésbicas /
 Larissa Sasso Bernardi. – 2024.
 2 MB ; PDF.

 Orientadora: Profa. Dra. Cristina Fioreze.
 Coorientadora: Profa. Dra. Ana Suy Sesarino Kuss.
 Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) –
 Universidade de Passo Fundo, 2024.

 1. Envelhecimento. 2. Amor. 3. Mulheres - Sexualidade.
 4. Preconceitos. 5. Lésbicas. I. Fioreze, Cristina, orientadora.
 II. Kuss, Ana Suy Sesarino, coorientadora. II. Título.

 CDU: 613.98

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

*Ninguém vai poder querer nos dizer como amar
Entre conversas soltas pelo chão
Teu corpo teso, duro, são
E o teu cheiro que ainda ficou na minha mão
Um novo tempo há de vencer
Pra que a gente possa florescer
E, baby, amar, amar sem temer*
Flutua - Johnny Hooker

RESUMO

Ao pensar sobre o envelhecimento e a sexualidade contemporaneamente, inaugura-se a possibilidade de questionamento acerca da homossexualidade feminina e como o processo de envelhecimento pode implicar nesses sujeitos. Assim, esta dissertação tem como ponto de partida uma pesquisa qualitativa e de campo, cujo objetivo geral é compreender qual a autopercepção de mulheres lésbicas em processo de envelhecimento próximo do que se considera como velhice, em relação a sua sexualidade. Seus objetivos específicos são: compreender como as mulheres idosas lésbicas vivenciam o amor; identificar a existência de relações apoiadoras nas famílias das mulheres lésbicas, no que tange a sua sexualidade; investigar a presença de violências, preconceitos e microagressões; analisar como as participantes percebem os preconceitos relacionados à sexualidade e envelhecimento. A população do estudo foi constituída por mulheres lésbicas em processo de envelhecimento próximo do que se considera como velhice, a partir dos 55 anos. A amostragem foi composta por seis mulheres, definidas pelo método snowball, as quais foram entrevistadas com base em roteiro semi-estruturado de questões. A análise de dados foi feita por meio da análise de práticas discursivas propostas por Spink e Medrado (2000). A pesquisa deu origem a um artigo científico, o qual apresenta os principais achados da investigação realizada. Assim, como resultados, observam-se as pluralidades no envelhecimento e como as questões referentes à sexualidade estão presentes desde as relações familiares até as relações sociais mais amplas estabelecidas. A pesquisa permite concluir que essas mulheres experimentam relações apoiadoras, amor, preconceitos, não aceitação social e familiar, suas vivências em relação à sexualidade e envelhecimento são moldadas por suas experiências pessoais. Sendo assim, esses sujeitos vivenciam sua sexualidade e envelhecimento conforme suas histórias. Para novos horizontes de pesquisa, levanta-se a necessidade de refletir sobre o difícil acesso ao público alvo da investigação, que foi um limite da pesquisa, sugerindo a existência de uma população invisível de mulheres lésbicas no processo de envelhecer, e quais as relações disso com os valores e crenças de cada tempo histórico na sociedade, pois parece haver uma população invisível formada por mulheres lésbicas idosas, cujo envelhecimento precisa ser visibilizado e cuidado no sentido da promoção da qualidade de vida.

Palavras-chave: Envelhecimento; sexualidade; amor; preconceito; relações apoiadoras.

ABSTRACT

When thinking about aging and sexuality contemporarily, it opens up the possibility of questioning regarding female homosexuality and how the aging process may affect these individuals. Thus, this dissertation begins with a qualitative and field research, aiming to understand the self-perception of lesbian women nearing what is considered old age, concerning their sexuality. Its specific objectives are: to understand how elderly lesbian women experience love; to identify the existence of supportive relationships within the families of lesbian women regarding their sexuality; to investigate the presence of violence, prejudices, and microaggressions; to analyze how participants perceive prejudices related to sexuality and aging. The study population consisted of lesbian women nearing what is considered old age, starting from 55 years old. The sampling comprised six women, defined by the snowball method, who were interviewed based on a semi-structured questionnaire. Data analysis was conducted through the analysis of discursive practices proposed by Spink and Medrado (2000). The research resulted in a scientific article presenting the main findings of the investigation. As results, pluralities in aging are observed and how issues related to sexuality are present from family relationships to broader social relations established. The research allows concluding that these women experience supportive relationships, love, prejudices, social and familial non-acceptance; their experiences regarding sexuality and aging are shaped by their personal experiences. Thus, these individuals experience their sexuality and aging according to their histories. For future research horizons, there is a need to reflect on the difficult access to the research target audience, which was a limitation of the study, suggesting the existence of an invisible population of lesbian women in the aging process, and its relations with the values and beliefs of each historical period in society, as there seems to be an invisible population of elderly lesbian women, whose aging needs to be made visible and cared for in terms of promoting quality of life.

Keywords: Aging; sexuality; love; prejudice; supportive relationships.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2 | REVISÃO DA LITERATURA..... | 13 |
| 2.1. | <i>Gênero, envelhecimento e velhice.....</i> | 13 |
| 2.2. | <i>Diversidade sexual, sexualidade e corpo.....</i> | 18 |
| 2.3. | <i>Amor para quem?.....</i> | 22 |
| 2.4. | <i>Resistência e direitos da população LGBTQIA+ no Brasil?.....</i> | 26 |
| 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 30 |
| | REFERÊNCIAS..... | 32 |
| | APÊNDICES..... | 40 |
| | Apêndice A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)..... | 41 |
| | Apêndice B. Roteiro Norteador..... | 44 |
| | ANEXOS..... | 47 |
| | Anexo A. Parecer Consubstanciado do CEP..... | 48 |

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo natural e universal, porém, suas experiências e desafios são profundamente influenciados pela interseccionalidade de identidades, incluindo gênero e orientação sexual. Mulheres lésbicas, em particular, enfrentam uma série de questões à medida que envelhecem, muitas vezes vivenciando formas únicas de discriminação, invisibilidade e falta de apoio social. A interseção da idade com a identidade lésbica pode acentuar vulnerabilidades e desigualdades existentes, tornando crucial a compreensão e a abordagem dessas questões no contexto do envelhecimento e dos cuidados de saúde.

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948, consta que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos” (Organização Das Nações Unidas, 1948, p. 2). Mesmo diante de tal afirmação, a sociedade enfrenta grandes desafios em lidar com as diferenças. Essas dificuldades são evidenciadas ao longo da história, mesmo com os avanços que têm sido alcançados.

Na contemporaneidade, ainda há uma escassez de debates e estudos sobre o processo de envelhecimento da comunidade LGBTQIA+¹. O envelhecimento LGBTQIA+ permanece como um tabu, sendo a sexualidade dos indivíduos em processo de envelhecimento frequentemente ocultada e negligenciada por cuidadores, familiares e pela sociedade em geral. Essa falta de visibilidade e de entendimento das experiências específicas desses indivíduos pode resultar em lacunas nos cuidados de saúde e na falta de políticas públicas adequadas para atender às suas necessidades.

De acordo com Araújo e Carlos (2018, p. 223), dentre os mitos em relação à sexualidade da pessoa idosa, está o de que ela “não pode mais vivenciar esta sexualidade, como se o envelhecimento carregasse consigo o desinteresse pela vida e a sexualidade fosse algo somente para jovens”. Os autores complementam que a “sexualidade não finda com o processo do envelhecimento, apesar do declínio físico e da diminuição da frequência da

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual e mais.

atividade sexual, [...] esse declínio é substituído por uma ampliação na intensidade do prazer”. Discutir o processo de envelhecimento e o estigma em torno da sexualidade é de extrema importância social. Envelhecer não significa perder a sexualidade, mas sim redimensioná-la para outros aspectos, segundo a subjetividade de cada indivíduo. Essa discussão é fundamental para desafiar os estereótipos e preconceitos que cercam o envelhecimento na comunidade LGBTQIA+ e para promover uma compreensão mais ampla e inclusiva da sexualidade ao longo da vida.

A sexualidade diz respeito às relações humanas, ao primeiro contato no campo do amor, no afeto. Desse modo, não se refere somente ao aparelho genital, mas sim à forma como as pessoas se relacionam com o mundo e com todos que as rodeiam. Conforme Lima (2018, p. 570) “a sexualidade que, para a psicanálise, não equivale ao sexo, mas, ao contrário, trata-se de um complexo, abrangente de toda a vida psíquica, em constante movimento no indivíduo e na cultura”.

O conceito que define a velhice é amplo. Atualmente, o envelhecimento e a velhice são cada vez mais discutidos, uma vez que se ampliaram as oportunidades de um futuro longínquo. Com isso, são exploradas outras formas de convívio coletivo e busca-se romper com o estereótipo de que o velho permanecerá recluso em sua privacidade, seu lar. O tema é cada vez mais relevante e necessário, uma vez que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a quantidade de pessoas a partir dos 60 anos no país vem crescendo, apresentando um aumento de mais de 50% em relação a 2010 – são, hoje, 15,5% da população brasileira. Ainda, chama a atenção que as mulheres compõem 55,7% da população de idosos, evidenciando a feminização da velhice.

O envelhecimento feminino apresenta suas particularidades, especialmente quando se consideram as questões sociais e culturais que permeiam cada sujeito e a forma de organização da sociedade. Se é verdade que a sexualidade de pessoas idosas é um tabu, a sexualidade de mulheres idosas consiste em tabu ainda maior. As mulheres nessa condição, conforme Salgado (2002, p. 9), “enfrentam muitos desafios gerados por leis e políticas

sociais de uma sociedade sexista e gerofóbica². As crenças sexistas e gerofóbicas refletem a ênfase da sociedade na produtividade, no atrativo sexual e físico”. Criou-se a ilusão de que o padrão de beleza socialmente exigido para as mulheres é alcançável, o que gera frustrações que se intensificam enquanto elas vão envelhecendo.

Além de envelhecimento e gênero, outro marcador da diferença envolto em preconceitos na sociedade contemporânea diz respeito à orientação sexual. Refletir sobre a homossexualidade remete à noção de estigma, a qual, para Goffman (1981, p. 4) “é a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”. Assim, numa sociedade heteronormativa, quando o indivíduo escapa dessa condição, ele é estigmatizado, tido como desprovido de potencialidades. O sujeito estigmatizado pode passar a não se aceitar, refletindo em uma homofobia internalizada (Leite, 2014).

O envelhecimento LGBTQIA+ é um campo pouco discutido ao longo da história. Conforme Rebellato, Gomes e Crenitte (2021, p. 19) “as velhices dissidentes de gênero e sexualidade são uma temática atual, desafiadora e urgente [...], é uma população sob risco de marginalização e violência”. Em uma sociedade homofóbica, os homossexuais lidam a vida toda com o estigma, sentindo-se às margens da lógica social dominante (Lima, 2006). Durante suas vidas, indivíduos não heterossexuais enfrentam a luta contra preconceitos enraizados e estigmas. À medida que envelhecem, esses sujeitos muitas vezes se tornam invisíveis e são negligenciados. O peso desses preconceitos sociais faz com que essa população enfrente ainda mais discriminação e estigma à medida que envelhecem.

As violências às quais a população LGBTQIA+ está submetida são, muitas vezes, disfarçadas, configurando microagressões. As microagressões consistem em “ofensas verbais, comportamentais ou ambientais de curta duração e comuns no dia-a-dia, geralmente não intencionais, que comunicam desconsideração, desprezo ou insulto para com membros de grupos oprimidos” (Pinheiro, 2019, p. 10). O uso de terminologia heterossexista e transfóbica pode ser considerado uma microagressão, baseada no uso de uma linguagem – na maioria das vezes é socialmente aceita – que deprecia o indivíduo. Esse

² Termo utilizado pelo autor para se referir ao “ageísmo”, em que se expressa a discriminação e o preconceito em razão da idade das pessoas (Salgado, 2002).

tipo de linguagem é favorecido, porque a cultura espera que o sujeito aja conforme a lógica heteronormativa.

Diante desses contextos, uma maneira significativa de suporte contra a discriminação e violência a essa população seria o apoio social familiar. Esse apoio, de acordo com Campos e Guerra (2016, p. 36) “assume o papel de criar uma base contra o preconceito da sociedade. Neste contexto, os homossexuais que apresentam maiores níveis de apoio social familiar apresentam maiores níveis de resiliência e bem-estar”.

Ainda, de acordo com Silva *et al.* (2022, p. 9):

[...] envelhecimento e a velhice LGBTQIA+ podem ocorrer na presença de depressão ou sintomas depressivos e de outras comorbidades, além de que essas variáveis normalmente se interseccionam, agravando-se. Como esperado, a discriminação percebida ao longo da vida e aquela internalizada também se relacionam a desfechos ruins sobre a saúde mental.

A escassez de produções que articulem a tripla carga de discriminações aqui levantada – ser mulher, ser lésbica e ser idosa – contribui para que a invisibilidade, o estigma, as microagressões e a violação de direitos dessa população se perpetue. Além disso, o acesso a serviços de saúde culturalmente sensíveis e inclusivos pode ser limitado, o que pode impactar negativamente sua qualidade de vida à medida que envelhecem. Daí a importância de produções/pesquisas que deem suporte para desenvolver políticas e práticas que reconheçam e atendam às necessidades específicas dessas mulheres. Conforme Konrath, Rama e Barbosa (2023, p. 144) “a escassez de estudos com essa população resulta em desinformação”. Diante do exposto, a presente dissertação se propõe a proporcionar um estudo que respalda o envelhecimento feminino LGBTQIA+. Produzir dados sobre essa temática auxilia na formulação de estratégias de prevenção à saúde, abrangendo tanto aspectos físicos quanto psicológicos, para esse grupo específico.

Assim, esta dissertação tem como ponto de partida uma pesquisa cujo objetivo geral é buscar compreender qual a autopercepção de mulheres lésbicas em processo de envelhecimento próximo do que se considera como velhice, em relação a sua sexualidade. Seus objetivos específicos são:

compreender como as mulheres idosas lésbicas vivenciam o amor; identificar a existência de relações apoiadoras nas famílias das idosas lésbicas, no que tange a sua sexualidade; investigar a presença de violências, preconceitos e microagressões na trajetória das idosas lésbicas, no que tange a sua sexualidade; e analisar como as participantes percebem os preconceitos relacionados à sexualidade e velhice.

Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa e de campo, realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas aplicadas junto a uma amostra de seis mulheres lésbicas em processo de envelhecimento próximo do que se considera como velhice, a partir dos 55 anos. O processo metodológico da pesquisa, bem como seus resultados e análises, são apresentados no artigo que compõe essa dissertação, intitulado “Entre olhares de mulheres lésbicas ao envelhecer: amor, preconceito e sexualidade”. Assim, a presente dissertação é estruturada em três partes, além desta introdução, são elas: a revisão de literatura que embasa a pesquisa e indica os caminhos teóricos escolhidos para o enfoque do tema; o artigo científico produzido a partir da pesquisa; e as considerações finais da dissertação.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 *Gênero, envelhecimento e velhice*

Para articular a escrita entre envelhecimento e gênero, é preciso discutir o que é gênero e o que o define. Almeida (2002) caracteriza o gênero como dinâmico e inter-relacional, ou seja, ele não é definido conforme o sexo biológico de cada indivíduo, e sim conceituado conforme as questões sociais, históricas e as relações que permeiam o campo social.

O conceito de gênero é algo recente, visto que foi introduzido em meados dos anos 1940. Há, ainda, o equívoco social de gênero associado exclusivamente com o sexo biológico e, de alguma forma, persiste a resistência por parte de alguns setores da sociedade. Conforme Fernandes *et al.* (2015, p. 17):

Embora o fundacionalismo biológico possibilitasse as interações das construções sociais, ao se pensar em identidades de gênero e se diferenciar do determinismo biológico – que visualiza o sexo como demarcação estrita da sexualidade, mesmo assim, parece-nos bastante incerto limitar o gênero a um amontoado de peças íntimas em cima de um cabide – o corpo. De outro modo, os termos normativos que intentam fixar o corpo ao gênero e conduzir as experimentações da sexualidade a partir de um referente privilegiado (a heterossexualidade) é restrito aos usos do corpo que demandam os contextos socioculturais.

Gênero não se limita ao sexo, nem ao biológico, não é somente o corpo. Gênero é construção social, são identificações de papéis. Discutir gênero é, portanto, falar sobre sujeitos.

Por essa via, gênero, segundo o Conselho Regional de Psicologia (Alves *et al.*, 2018, p. 14) “tem o intuito de distinguir a dimensão biológica da dimensão social, entendendo que homens e mulheres são produtos de construções sociais”. Desta forma, reflete que os homens e mulheres são caracterizados conforme as “normas” sociais pré-estabelecidas conforme cada cultura e contexto histórico. Assevera Fernandes (2009, p. 706) que “ser homem ou ser mulher implica a incorporação desses atributos e funções, como forma de representar-se, valorizar-se e atuar numa determinada cultura”.

De acordo com Bonfim e Vidal (2021, p. 1203):

Os discursos reguladores que formam o gênero do sujeito são os mesmos responsáveis pela produção de sua sujeição, entendendo, assim, que o gênero é uma forma de regulação social. Não se trata, portanto, de uma separação entre regulação e gênero, no qual a primeira atuaria sobre o sujeito sexuado. A questão é mais complexa: o sujeito só passa a existir conforme sua própria sujeição às regulações. Dizendo de outro modo, as regulações de gênero constituem-se como uma modalidade de poder específico que acarreta efeitos constitutivos sobre a subjetividade. Mais ainda, tais regulações estabelecem a um só tempo uma heterossexualidade compulsória e uma hierarquia entre masculino e feminino.

Ou seja, o sujeito só é “assujeitado”, a partir das regulações sociais. Em outras palavras, o discurso que regula o sujeito do gênero é o mesmo que “produz” a subjetividade. O fato de existir uma heterossexualidade compulsória, torna a predominância somente entre feminino e masculino, excluindo outras vias.

Desta forma, para entrar na discussão sobre gênero e velhice, é necessário fazer uma breve pontuação sobre o envelhecer desde o ponto de vista da psicanálise. Para Mucida (2006, p. 55):

A dimensão atemporal do inconsciente expõe o imutável, persiste, outrossim, a possibilidade de mudança na relação do sujeito com aquilo que não se modifica; e, nesse sentido, permitem fazer do atemporal do inconsciente algo inscrito no tempo, no presente, atualizando-o e promovendo o laço entre o presente e o passado, presente e futuro.

Isto é, o sujeito do inconsciente é atemporal, ou seja, não envelhece. Dito isso, se pode concluir que a primeira ênfase seria que há uma adaptação às novas formas de desejar, aos objetos, à vida. Entretanto, não sem percursos e percalços no caminho, como em todas as fases do envelhecimento, do nascimento até a morte. Conforme Beauvoir (2018, p. 93), “a imagem da velhice é incerta, confusa, contraditória”.

Para Mucida (2006, p. 27):

Faz-se necessário conceituar a velhice a partir de um enlaçamento particular do real, imaginário e simbólico. Não é possível passar pela vida desconhecendo o real das perdas que a velhice acarreta - incluindo a relação do sujeito com o imaginário -, o trabalho de luto e a exigência de tratamento desse real pelo simbólico.

Chega-se a ideia irredutível, de que desejo não tem idade, não possui as mesmas formas, linhas e finitude que nossos órgãos. Mas sim, são novas medidas para se investir no mundo e em si. Muitas vezes, estar velho significa fazer diversos lutos, entre os amigos, mas principalmente do próprio eu (Mucida, 2006).

Para Mucida (2006, p. 36), “a velhice traçaria, ainda, o momento dos lutos do que se foi e de diferentes perdas, impondo, dessa forma, uma atualização da problemática da castração”. Assim sendo, pode-se concluir que o processo de envelhecimento e a velhice são subjetivos, visto que cada sujeito está implicado com sua estrutura, com suas relações, com suas fantasias, com seu desamparo.

Outrossim, como se pode pensar a respeito do gênero no processo de velhice? Conforme Fernandes (2009, p. 707) “nessa faixa etária, a situação do homem e da mulher tem algumas peculiaridades, conferidas pelo exercício de papéis desempenhados socialmente”. Ainda, Fernandes (2009, p. 707) conclui afirmando que:

Uma das difíceis tarefas dos homens que envelhecem é a de refazer sua identidade de gênero frente à perda de vários dos atributos que continuam a definir a masculinidade hegemônica (capacidade para o trabalho, força física, assertividade, potência sexual. Nesse contexto da velhice, em alguns casos, a convivência entre os sexos, com forças em equilíbrio, suscita a possibilidade de um novo relacionamento entre homem e mulher com base cooperativa e auxílio mútuo no enfrentamento comum da marginalização social, ou seja, a um redimensionamento dos papéis masculino e feminino. Essa situação tem contribuído para a redução da hierarquia entre os sexos nessa fase da vida.

Essa nova direção para as relações vai se construindo conforme a “perda” dos lugares sociais que eram postos anteriormente, visto que a aposentadoria demarca socialmente “estar velho”, e a partir dessas novas atualizações é que irão se reconstruindo as identidades junto a cada gênero.

Já para as mulheres, isto acontece de outro modo. Segundo Fernandes (2009, p. 707):

[A] mulher idosa de hoje, no geral, está no último estágio de um continuum sempre ligado à esfera doméstica e do cuidado, não só porque a grande maioria não teve uma vida profissional ativa, mas também porque é a este mundo interno do lar, da família e da casa

que ela está ideologicamente vinculada. Nesse cenário da família tradicional, ainda subsiste a ideia de que a mulher deve ser condicionada a assumir os papéis de esposa e mãe, colocando-os à frente de seus interesses individuais.

Para Fernandes (2009, p. 708), o espaço que a mulher idosa ocupa hoje, é reflexo do lugar que ela ocupou socialmente quando jovem, o qual era “permitido” em sua época.

As mulheres sempre foram instituídas no trabalho doméstico, a realizarem os cuidados ao outro. Ao negarem para estas mulheres, que hoje são idosas, a participação da vida pública, as tornaram dependentes economicamente do casamento. Neste sentido, as mulheres tinham a imagem social de mulher casada, mãe e dona-de-casa, papéis sociais que também eram/são desempenhados pelas que faziam parte do seu ideal.

Acabam sendo essas as construções de gênero que permeiam o envelhecimento, que vão se construindo e desconstruindo conforme as novas diretrizes sociais. Citando Fernandes (2009, p. 709):

O discurso dos idosos reflete, então, a ideologia de gênero que permeou o seu processo de socialização, vivenciado nos últimos cinquenta anos do século passado que permitiu a construção das identidades de homens e de mulheres a partir da atribuição de papéis, atitudes e valores previamente definidos segundo modelos naturais, gerando estereótipos acerca de masculinidade e de feminilidade.

Conforme Alves (2010, p. 217), sobre o corpo da mulher velha socialmente:

Afirma-se também que no Brasil essa desvalorização estética do corpo velho é bastante disseminada, refletindo-se no elevado número de pessoas que realizam (ou que gostariam de realizar) diversos procedimentos, inclusive cirúrgicos, que prometem o rejuvenescimento físico. Diante desse clima de negação da velhice, é comum ouvirmos as mulheres mais velhas reclamarem da invisibilidade de seus corpos e da conseqüente perda do poder de atração sexual.

A dificuldade de se colocar socialmente, como velhas e desejantes, inviabiliza os laços afetivos e até a circularidade desses corpos em outros. Quando se fala de mulheres velhas e lésbicas, Alves (2010, p. 227) assevera:

As gerações têm uma destacada influência sobre a percepção do fluxo das identificações e práticas sexuais. No caso das mulheres mais velhas parece haver um processo marcado fortemente pelo dualismo e por uma visão de “naturalidade” das relações sexuais. O dualismo se expressa no discurso de que as mulheres tinham que fazer uma opção, como se houvesse uma pressão social para assumir um lugar e um papel no universo da homossexualidade feminina: ser o sapatão ou a namorada do sapatão.

Assim sendo, envelhecer é permeado pelas construções de gênero de sua época, a partir dos papéis sociais que cercam a sociedade. Desta forma, Figueiredo *et al.* (2007, p. 423) afirmam que o gênero “nos permite compreender que as desigualdades econômicas, políticas e sociais existentes entre homens e mulheres não são simplesmente produtos de suas diferenças biológicas. Mas, sim, construções resultantes das relações sociais”.

Ainda, conclui Alves (2010, p. 231):

O estabelecimento da relação entre velhice e homossexualidade não significa buscar se há algo de específico no envelhecimento de homossexuais. A etapa mais avançada do curso da vida não adquire marcas únicas porque os velhos em questão são gays ou lésbicas. São as trajetórias de vida, marcadas pelas vivências comuns de determinadas coortes etárias, que podem emprestar ao envelhecimento marcas distintivas.

Ou seja, são os lugares, as trajetórias sociais, a época, que vão formando o envelhecimento dessas mulheres, conforme suas especificidades. Isso não significa desconsiderar que a orientação sexual propicia marcos diferentes (e muitas vezes, agressões), relacionados com preconceitos, discriminações e violências que a população LGBTQIA+ vivencia. O fato de refletir e reconhecer o velho como sexualizado, já abre caminho para novas formas de amor e amar.

Por essa perspectiva de análise, envelhecimento e gênero são duas temáticas pertinentes no campo do social, visto que as discussões ainda são recentes e podem contribuir para o maior aprofundamento teórico-prático (Crenitte; Miguel; Filho, 2019).

2.2 *Diversidade sexual, sexualidade e corpo*

Para refletir sobre o processo de envelhecimento da mulher lésbica, faz-se necessário direcionar o olhar para questão da diversidade sexual e a sexualidade. A diversidade sexual refere-se à variedade de orientações sexuais e identidades de gênero presentes na sociedade. Além da diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero, a diversidade sexual também abrange a variedade de experiências, vivências e realidades enfrentadas por pessoas de diferentes orientações e identidades. Isso inclui questões relacionadas à discriminação, violência, acesso a direitos e serviços, saúde mental e física, entre outros aspectos.

Para a psicanálise, a sexualidade estaria ligada na constituição da identidade do sujeito, sendo assim, ela se difere da ideia central da biologia, onde conforme Dias (2007, p. 63) “para a biologia, a sexualidade humana se resume à distinção entre dois sexos, definidos a partir dos atributos anatômicos e do código genético. No campo das ciências biológicas, portanto, a sexualidade é um fato e não uma questão”. Neste contraponto, entendemos que a psicanálise trabalha com uma vertente diferente, para ela, de acordo com Cruz e Fontenelle (2020, p. 2):

A sexualidade está para além do instinto sexual. Ela promove uma ruptura em relação aos órgãos genitais em si. Há, desse modo, uma função corpórea mais abrangente, ligada às pulsões, que visa primordialmente a satisfação, em detrimento do objeto.

Sendo assim, partimos para a ideia que para a psicanálise, o corpo toma outra conceituação também, sendo ele, uma construção, uma inscrição a ser realizada no aparelho psíquico. Essa inscrição, nunca é realizada plenamente, sempre a um excesso, um resto, que causa efeitos no sujeito. Esse corpo pulsional, revela o atravessamento que ocorre no sujeito pelos efeitos de sua inscrição na linguagem.

Ainda, conforme Cruz e Fontenelle (2020, p. 4):

O corpo, para a psicanálise, é pulsional, regido pela libido, visando basicamente a satisfação. Para a psicanálise, o corpo não é a carne, é o corpo pulsional que trabalha em nome da satisfação. Esse corpo se distingue do organismo, cuja função primordial é a perpetuação da espécie e a procriação. Ao corpo pulsional não interessa a finalidade

biológica da reprodução, pois a sexualidade humana nada mais tem de natural, uma vez que se inscreve no campo simbólico, tendo, desse modo, arrancado o corpo pulsional da sua função biológica; desnaturalizando-o pela incidência do significante.

Dessa maneira, para Lacan (1980 *apud* Cruz; Fontenelle, 2020) o corpo é situado na imagem especular, ou seja, olhar, para dar a vez ao significante. Por conseguinte, Lacan estabeleceu a ideia do corpo, em três registros: imaginário, simbólico e o real. Para Cruz e Fontenelle (2020, p. 6):

No registro imaginário, situa a imagem especular do corpo enquanto corpo narcísico. A consistência do corpo no imaginário é o próprio cordão que ata o nó. No registro simbólico, situa o corpo enquanto materialidade significante, enquanto corpo falante sustentado pela estrutura de linguagem, cuja anterioridade e exterioridade se presentificam no corpo simbólico, cuja consistência é o furo, o toro. No real, o corpo se situa enquanto gozo, corpo feito para gozar de si mesmo.

Esse corpo, marcado e endereçado pelo Outro, propicia uma gama de ligações com o interno e reverbera no externo, dentre elas, as zonas erógenas³.

Esses três registros, o corpo pulsional, a sexualidade, foram retomadas a partir do Complexo de Édipo, fundamental na estruturação do sujeito e conseqüentemente, para a sexualidade do mesmo. Ainda, Roudinesco e Plon (1998, p. 168):

Em 1953, Jacques Lacan tornou a centrar a questão edipiana na triangulação [...]. No âmbito de sua teoria do significante e de sua tópica (imaginário, real e simbólico) ele definiu o complexo de Édipo como uma função simbólica: o pai intervém sob a forma da lei, para privar a criança da fusão com a mãe.

Com isso, Lacan propôs três tempos para o Complexo de Édipo, que são: 1º) tempo de ser o falo, em que a função materna investe no objeto (criança é o falo até esse momento), antecipando todas as demandas. 2º) tempo “tenho ou não tenho o falo”, neste momento o Outro (função materna) começa a demandar outras coisas além do investimento no objeto (criança),

³ Freud em um escrito intitulado “Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos” (1901-1905) descreve as zonas erógenas como uma parte da pele ou mucosa em que estímulos de determinada espécie provocam uma sensação de prazer de certa qualidade.

com isso, ocorre o questionamento da criança se ela tem ou não o falo (“a coisa” que pode satisfazer totalmente os desejos da função materna). O 3º) A criança chega à conclusão de que não possui o falo, entretanto, acredita que se seguir as demandas do Outro (função materna) pode vir a saber onde está localizado o falo, e assim chega no Nome-do-Pai (pai simbólico). A partir disso, chegará o outro momento, o do complexo de castração.

Segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 106):

Lacan, distingue a castração da frustração e da privação, situando-as, respectivamente, no tocante ao agente e ao objeto, no contexto das instâncias de sua tópica, do real, imaginário e simbólico. A castração opõe-se à privação do ponto de vista do agente: ele é o “Pai real”, inatingível e impensável, no sentido em que podemos dizer de um ser que nunca sabemos “com quem estamos lidando realmente”, no que concerne à castração; e é o “Pai imaginário”, um pai assustador com o qual, ao contrário, lidamos o tempo todo. [...] a castração só pode ser a representação simbólica da ameaça de desaparecimento na medida em que esta não concerne ao pênis, o objeto real, mas ao falo, objeto imaginário.

Para Arán e Júnior (2007, p. 140) “a teoria lacaniana define a castração simbólica que determina a estrutura subjetiva”. Assim sendo, a partir do terceiro momento do Édipo, o masculino pode vir a se identificar com quem imaginariamente acredita ter o falo (pai simbólico), já a menina, no terceiro tempo, irá se voltar para o lado em que ela acredita ser o falo. Cada um, tornando-se assim, a seu modo, seu gozo, desejo e orientação sexual.

Dessa forma, se pode notar que o sujeito ao longo de toda a vida é constituído e construído pela sexualidade e determinado por ela. E o simbólico, as leis sociais estão vinculadas a esta “formação”. Conforme Arán e Júnior (2007, p. 142):

Levar em conta a historicidade do sexual não é apenas uma questão ética e política, mas, sobretudo uma questão teórica de maior importância. Se existe um território sexual “fora” ou “excluído” do simbólico, em qual o próprio simbólico se constitui, é fundamental reconhecer como as contingências históricas e políticas podem promover neste mesmo território deslocamentos subjetivos, ampliando as possibilidades existenciais.

Abrir preceitos para que o sujeito circule pelas diversas formas de exercer sua sexualidade, não fixando a ideia matriz da heterossexualidade.

Com isso, passa a não ser vinculado à incompreensão caso não corresponda ao esquema binário, e possa ser inscrito no âmbito do simbólico.

Contemporaneamente, os sujeitos são marcados por classificações de maneiras de viver, naturalizadas, no sentido de haver um pré-determinação, do que pode o corpo feminino e o masculino. Segundo Mélo (2012, p. 199):

[...] se existem diferenças e o corpo feminino é perfeito à maternagem (portanto ao privado) e o masculino é perfeito à guerra (portanto ao público), os corpos só devem se unir também de modo perfeitamente normal: um homem com uma mulher. A heterossexualidade é o modelo de normalidade.

Quando a ideia de uma heteronormatividade é desafiada, se percebe que o preconceito é escancarado, principalmente quando o corpo que era para ser privado, o da mulher, retoma ao público, com outra mulher. Nesse viés, ao se posicionarem, excluem-se a ideia de uma centralidade na heterossexualidade, mas sim, revisita a diversidade sexual e a sexualidade.

Ainda, conforme Cruz e Fontenelle (2020, p. 10) “ao haver uma diferenciação entre o masculino e o feminino, esta não pode ser localizável, cabendo a cada um se situar de um lado ou de outro a partir de um arranjo singular que se constitui como uma mistura.” Dessa maneira, conclui-se que a sexualidade é da ordem do singular de cada sujeito, a partir de suas vivências, de seus corpos, de seus significantes.

Observamos, que a sexualidade diz da possibilidade de um sujeito inserido na linguagem, mesmo que parcialmente, trazendo o corpo pulsional em cena, para possibilitar que esse corpo inscrito nos três registros (imaginário, simbólico e real), deslize pela cadeia significante, ou seja, movimentando o sujeito na cultura, no social, desejando. Aqui, diferenciamos a ideia de sexualidade, gênero e sexo, conforme Goldenberg, Marsiglia e Gomes (2003, p. 200):

[...] a palavra ‘sexo’ designa agora, no jargão da análise sociológica, somente a caracterização anátomofisiológica dos seres humanos e a atividade sexual propriamente dita. O conceito de gênero existe, portanto, para distinguir a dimensão biológica da social. O raciocínio que apóia essa distinção se baseia na ideia de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas a qualidade de ser homem e ser mulher é realizada pela cultura.

Pode-se concluir que a sexualidade é um aspecto intrínseco das relações humanas, permeando diversos aspectos da vida e influenciando a forma como nos relacionamos com o mundo. Ela permite a expressão da individualidade e impulsiona os sujeitos a explorarem e se relacionarem com a diversidade de possibilidades sociais existentes.

2.3 Amor para quem?

Considerando a discussão proposta na pesquisa, é pertinente acrescentar um enlace entre amor e o envelhecimento e as suas formas subjetivas de representação.

Ainda, para Freud (1914/2013) o amor é um movimento de energia psíquica, ligada ao objeto. Sendo assim, existem dois momentos essenciais ao psiquismo: a satisfação do objeto é sempre parcial e o contínuo trabalho de reformulações do eu e o outro. Sendo assim, o amor é construtivo da identidade e alicerce de prazer.

Para Lacan (1998), num primeiro momento o bebê precisa ser alienado ao outro, para ter respondidas as suas demandas de necessidade. Nessa medida, é esse outro que cuida, que nomeia as demandas do bebê (choro, fome, etc.).

Ao incondicionado da demanda, o desejo vem substituir a condição 'absoluta': condição que deslinda, com efeito, o que a prova de amor tem de rebelde à satisfação de uma necessidade. O desejo não é, portanto, nem o apetite de satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda (*spaltung*) (Lacan, 1998, p. 698, grifo do autor).

Nesse sentido, é na tentativa de encobrir, de satisfazer sua falta, que o sujeito se move a um objeto. Entretanto, não há objeto que satisfaça o desejo, só objeto que o cause. Ou seja, na busca de algo, o amor encontra outro, é nesse descompasso de faltas que o amor precisa atravessar os ideais narcísicos, para amar conforme seu próprio desejo. Lacan (1995) comenta que amar é dar o que não se tem.

Como escreve Suy (2022, p. 34):

Amar é algo que aprendemos sendo amados. [...] Nossa primeira tarefa na vida é receber o amor do outro. Em seguida, nos identificamos com o lugar de objeto precioso para o outro e passamos a nos amar também. Esse primeiro tempo de relação amorosa com a gente mesmo Freud chamou de narcisismo primário. É o desejo de um outro de que existamos que nos liga à nossa carne, como efeito da aposta desse primeiro outro (ou primeiros outros) que nos amará.

Sendo assim, o fato de conseguir amar, condiz com o primeiro momento em que alguém instaurou essa possibilidade fazendo-se objeto desse amor. Entretanto, para isso, quer dizer que o amor está entrelaçado à sexualidade, às vezes utilizado como sinônimo de libido ou desejo. O narcisismo secundário, é quando esse primeiro amor é furado, quando ele escapa do ideal, ou seja, não existe mais nenhum objeto precioso. É nessa condição castrante, que o sujeito se funde faltante. Para Suy (2022, p. 38):

É justamente a castração que liberta a criança para olhar para o mundo, para olhar para o outro, para poder viver sem se fixar em seu próprio umbigo. É a noção de falta, a noção de que estamos sozinhos em nosso corpo, sem nossa suposta metade, que nos impulsionará a amar as pessoas e a vida para além de nós mesmos.

Nesse viés, primeiro os sujeitos são iniciados no campo do amor do outro (objeto), para depois, com angústia, serem arrancados desse lugar para propiciar que circulem de outra forma, de outro lugar, para além do Eu.

Conforme Kuss (2014, p. 32), “o amor tem sua importância na construção clínica da neurose, visto que aí há uma aposta no adoecimento como consequência de uma insatisfação amorosa”. No sentido de que quando o objeto ao qual o sujeito desejava se afasta, ele não consegue substituí-lo, pois nenhum é o mesmo ao qual desejou anteriormente.

Então, apoiando-se em Freud (1914/2013, p. 29), tem-se que “um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar”. Assim, se a frustração de “perder” o objeto não for atravessada pela possibilidade de desejar outros objetos, se adoerce. Isso quer dizer que as relações humanas são permeadas pela frustração e pelo amor, e é necessário ambos para poder circular na vida em sociedade.

Sobre o amor, cabe recorrer à contribuição de Kuss (2014, p. 50):

O amor seria uma tentativa de resposta ao desejo, tal como a demanda, que surge a partir da tentativa de expressão de um desejo. Para que algo desperte o desejo, é preciso que este algo esteja em uma condição absoluta, não pode ser outra coisa senão aquilo que é. Sabemos que o desejo é despertado pela interdição. O objeto afetado pela proibição funciona como causa de desejo. O desejo é o desejo do proibido, do que está inacessível, do impossível.

Nesse sentido, conclui Kuss (2014, p. 67):

Se amor e desejo ora convergem, ora divergem, esta é uma das causas das insatisfações amorosas. Pois ainda que o amor e o desejo se dirijam ao mesmo objeto, os seres falantes não se cansam de queixar-se dos relacionamentos amorosos, pois a relação sexual atesta a sua inexistência a todo o tempo.

Assim sendo, ao mesmo tempo que amor e desejo convergem ou divergem, o amor e o ódio também. A relação, o amor, se dá pela ambivalência, pelo código equivocado da linguagem, pela presença de falta.

Para Freud (1905/1996) o amor precisa do ódio, assim como o ódio do amor, não cabendo o pressuposto de serem opostos, mas sim a sua ambivalência. A ideia do autor é que para se introduzir a esfera do amor, é necessário, no primeiro momento, que as pulsões sejam direcionadas para o Eu, formando o narcisismo primário. Nele, o sujeito é tudo, completo para o outro, o que se pode definir como “a majestade, o bebê”. Encaminha-se, dessa forma, para o segundo momento, que se refere ao narcisismo secundário, que é quando esse primeiro amor escapa do ideal, de modo a não mais existir nenhum objeto precioso. É nessa condição castrante, que o sujeito se funde faltante.

Por isso, o autor se refere ao amor e ao ódio como ambivalentes, pois no momento em que a pulsão é direcionada para o externo, acontece o desprazer e a frustração com o objeto, então tende-se à repulsa e a odiar o objeto na tentativa de retornar os investimentos para o Eu, na busca ilusória da satisfação plena. Todos esses movimentos acontecem no psiquismo do sujeito. Quando esse sujeito se depara com as leis sociais, espera-se que os sentimentos mais hostis e de repulsa, que não se encaixam socialmente, sejam recalçados, a fim de que o sujeito consiga conviver em sociedade. Sendo assim, estes sujeitos conseguirão buscar socialmente o amor, e conseguir externalizar a libido que ficaria interna, para o mundo externo.

Diante do exposto, é evidente que indivíduos projetam suas próprias insatisfações, como uma forma de negar ou evitar lidar com suas próprias questões. Essa projeção pode levar a diversas situações sociais, mas principalmente, à intolerância à sexualidade humana. Uma das formas de intolerância, aparece ao comentarmos sobre homossexualidade e outro ao lugar do feminino socialmente. Culturalmente, há uma valorização excessiva da juventude e da beleza feminina, o que pode levar à marginalização das mulheres mais velhas. Isso pode se manifestar de várias maneiras, desde a pressão para parecer mais jovem até a marginalização da sexualidade das mulheres mais velhas.

Conforme Alves (2010, p. 217), sobre o corpo da mulher velha socialmente:

Afirma-se também que no Brasil essa desvalorização estética do corpo velho é bastante disseminada, refletindo-se no elevado número de pessoas que realizam (ou que gostariam de realizar) diversos procedimentos, inclusive cirúrgicos, que prometem o rejuvenescimento físico. Diante desse clima de negação da velhice, é comum ouvirmos as mulheres mais velhas reclamarem da invisibilidade de seus corpos e da conseqüente perda do poder de atração sexual.

A dificuldade de se colocar socialmente, como velhas e desejanter, inviabiliza os laços afetivos e até a circularidade desses corpos em outros. Quando se fala de mulheres velhas e lésbicas, Alves (2010, p. 227) assevera:

As gerações têm uma destacada influência sobre a percepção do fluxo das identificações e práticas sexuais. No caso das mulheres mais velhas parece haver um processo marcado fortemente pelo dualismo e por uma visão de “naturalidade” das relações sexuais. O dualismo se expressa no discurso de que as mulheres tinham que fazer uma opção, como se houvesse uma pressão social para assumir um lugar e um papel no universo da homossexualidade feminina: ser o sapatão ou a namorada do sapatão.

Pode-se relacionar isso à ideia de que a matriz da heterossexualidade estaria vinculada também ao casal lésbico, por ter que haver um semblante de “homem”, para se possibilitar a relação sexual e afetiva. Também se considera a discussão sobre o amor não estar vinculado ao sexo biológico, mas sim, ao que se deseja e o que foi instaurado como primeiro amor.

Ainda, conclui Alves (2010, p. 231):

O estabelecimento da relação entre velhice e homossexualidade não significa buscar se há algo de específico no envelhecimento de homossexuais. A etapa mais avançada do curso da vida não adquire marcas únicas porque os velhos em questão são gays ou lésbicas. São as trajetórias de vida, marcadas pelas vivências comuns de determinadas coortes etárias, que podem emprestar ao envelhecimento marcas distintivas.

Ou seja, são os lugares, as trajetórias sociais, a época, que vão formando o envelhecimento dessas mulheres, conforme suas especificidades. Isso não significa desconsiderar que a orientação sexual propicia marcos diferentes (e muitas vezes, agressões), relacionados com preconceitos, discriminações e violências que a população LGBTQIA+ vivencia. O fato de refletir e reconhecer o velho como sexualizado, já abre caminho para novas formas de amor e amar.

2.4 *Resistência e direitos da população LGBTQIA+ no Brasil?*

A história de luta por direitos, acesso à saúde e até o reconhecimento da população LGBTQIA+ no Brasil, foi e é marcada por muitos enfrentamentos sociais. No contexto brasileiro, de acordo com Green *et al.* (2018, p. 10):

Foi em maio de 1978 que ocorreu, na cidade de São Paulo, a primeira reunião de um grupo que logo assumiria o nome "Somos - Grupo de Afirmação Homossexual". Foi o coletivo pioneiro na articulação do MHB (movimento homossexual Brasileiro), que logo se espraiaria Brasil a fora com o surgimento de diversos grupos em outros estados da Federação. Além disso, um mês antes, em abril de 1978, havia começado a circular o jornal mensal *Lampião da Esquina*, considerado a primeira publicação de circulação nacional, claramente engajada nas lutas políticas travadas pela imprensa alternativa e feita por homossexuais para homossexuais.

A Ditadura Militar retardou muitos processos de reconhecimento dessa população, marcado por repressão, violência, ódio e opressão. Em outros países, movimentos de luta e ativismo ganharam visibilidade no contexto de maio de 1968, já no Brasil ganhou-se mais semblante e força somente 10 anos depois. Isto porque, afirmam Green *et al.* (2018, p. 10):

A sexualidade passou a ser, em certa medida, tema pertinente à segurança nacional para os militares. Os desejos e afetos entre pessoas do mesmo sexo também foram alvo do peso de um regime

autoritário com pretensão de sanear moralmente a sociedade e forjar uma nova subjetividade à imagem e semelhança da família nuclear, monogâmica, patriarcal e heterossexual.

Mesmo com o golpe de 1964, o ativismo LGBTQIA+ resistia em viver, lutar e amar, fortalecendo-se em espaços como bares, boates e lugares de socialização. Se pode dizer que a existência de corpos que são contrários à ideia de normatização e padronização de gêneros e sexualidade, já é em si, resistência. Como dizem Green *et al.* (2018, p. 11), “a mera existência pública de corpos e de desejos contrários às normas-padrão de gênero e de sexualidade sempre foi um ato político da maior grandeza”. Ainda, concluem que:

O poder, no campo da sexualidade, não pode ser visto apenas como interdição, mas também ser entendido como algo positivo e produtivo. Em outras palavras, o poder não apenas reprime e silencia, mas estimula e até compele a profusão de determinados discursos sobre a sexualidade, pautando padrões de normalidade e, portanto, de exclusão, ainda mais quando o poder político é menos compartilhado democraticamente (Green *et al.* 2018, p. 23).

Os restos da opressão, da marginalização, da indiferença, ficaram nas fendas da democracia instaurada. O que foi conquistado em termos de direitos?. A luta por direitos e por espaço é incessante. Como um de seus resultados, em 2011 o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união de pessoas do mesmo sexo. De acordo com Green *et al.* (2018, p. 454), “segundo a lógica geral da decisão, reconheceu-se que a Constituição não proíbe a união de pessoas do mesmo sexo”. Continua afirmando que:

Inclusive pela união homoafetiva se enquadrar no conceito constitucional de família, de sorte a que a função contramajoritária da jurisdição constitucional demanda a proteção da minoria homoafetiva contra uma suposta vontade discriminatória da maioria heteroafetiva (Green *et al.*, 2018, p. 455).

Além disso, em 2013 foi lançada, pelo Ministério da Saúde, a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Ela visa reconhecer as demandas de saúde desta população, tendo sido um marco histórico na criação de políticas de saúde que

reconhecem a diversidade e pretendem sustentar e manter a integralidade e singularidades de cada sujeito.

A Política LGBT é composta por um conjunto de diretrizes cuja operacionalização requer planos contendo estratégias e metas sanitárias e sua execução requer desafios e compromissos das instâncias de governo, especialmente das secretarias estaduais e municipais de saúde, dos conselhos de saúde e de todas as áreas do Ministério da Saúde. Nesse processo estão sendo implantadas ações para evitar a discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais nos espaços e no atendimento dos serviços públicos de saúde. Este deve ser um compromisso ético-político para todas as instâncias do Sistema Único de Saúde (SUS), de seus gestores, conselheiros, de técnicos e de trabalhadores de saúde. A garantia ao atendimento à saúde é uma prerrogativa de todo cidadão e cidadã brasileiros, respeitando-se suas especificidades de gênero, raça/etnia, geração, orientação e práticas afetivas e sexuais (Brasil, 2013, p. 6).

Estabelece-se, assim, a responsabilidade por promover não somente dignidade no acesso ao direito à saúde, mas também a humanização dos profissionais e da sociedade frente às desigualdades que esse grupo social sofria/sofre, diante da sua luta por direitos. O documento visa romper com a visibilidade exclusiva do grupo hétero cis, trazendo à cena do direito à saúde também a população que compõe a sigla LGBTQIA+.

Importa, nesse sentido, trazer alguns dos pressupostos que sustentam e a construção do documento, são eles:

Considerando que a discriminação por orientação sexual e por identidade de gênero incide na determinação social da saúde, no processo de sofrimento e adoecimento decorrente do preconceito e do estigma social reservado às populações de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais; Considerando que o desenvolvimento social é condição imprescindível para a conquista da saúde; Considerando que a exclusão social decorrente do desemprego, da falta de acesso à moradia e à alimentação digna, bem como da dificuldade de acesso à educação, saúde, lazer, cultura interferem, diretamente, na qualidade de vida e de saúde (Brasil, 2013 p. 19).

O preconceito e a discriminação justificam a necessidade de avançar em políticas públicas destinadas à inclusão dessa população. O preconceito, segundo Santos (2018, p. 21) “pode assumir várias formas, desde atitudes, crenças sociais e emoções negativas a comportamentos discriminatórios pela pertença de pessoas a um determinado grupo”. E a discriminação se refere,

conforme Silva e Nardi (2010, p. 255), “a manifestação concreta de um preconceito contra uma pessoa ou grupo visto como desqualificado, anormal. Essa não pertença à norma ocasiona uma série de atitudes de violência física e não-física contra os ‘desviantes’”. Ambos relacionados a formas de violência, contra grupos, sujeitos, que não se identificam com padrões normativos. Diante disso, relacionamos as microagressões, conforme Pinheiro *et al.* (2019, p. 10):

As micro-agressões distinguem-se assim de outras formas de discriminação por se caracterizarem como ofensas verbais, comportamentais ou ambientais de curta duração e comuns no dia-a-dia, geralmente não intencionais, que comunicam desconsideração, desprezo ou insulto para com membros de grupos oprimidos.

Ou seja, são comentários, ações ou incidentes sutis e muitas vezes não intencionais que denotam preconceito ou discriminação contra membros de grupos marginalizados. Essas interações podem ocorrer de forma verbal, comportamental ou ambiental e geralmente refletem estereótipos arraigados ou preconceitos subjacentes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo, conclui-se que as mulheres lésbicas, ao se aproximarem do envelhecimento, vivenciam suas sexualidades de maneiras singulares e multifacetadas. Observa-se que essas mulheres se reinventam, não apenas na esfera do amor, mas também em relação à sua própria sexualidade, trazendo consigo uma história marcada por preconceitos externos e internos, além de microagressões.

Os traços de descuido, não acolhimento, preconceito familiar, vivenciados por essas mulheres, propiciaram que buscassem, fora do círculo familiar, sujeitos aos quais se identificassem, no caso as relações de amizades, que ocupavam lugares de suporte para essas mulheres. Nesse sentido, ampliou-se a vida e mostrou-se para essas mulheres as diversas fases de suas sexualidades.

Identificou-se também que há muitas maneiras de amar e ser amado, e que cada sujeito encontra a partir de sua vivência o seu modo de se relacionar e de permitir se relacionar. Para essas mulheres, o amor tem gosto de ternura, de cuidado, de luta para o reconhecimento social, de sobrevivência, mas principalmente, de descobrimento. Descobrimento do próprio corpo, de formas de sexo, da sexualidade, de mudar o casamento, a cidade, a história. Para essas mulheres, o envelhecimento traz consigo possibilidade de novos desafios, e elas se transformam a partir dele, mudam as posições sexuais, a forma de se relacionar ou não, mudam conforme o desejo de cada uma.

Assim, o envelhecimento modifica em parte a forma como essas mulheres veem seus corpos e entendem as relações sexuais. No entanto, essas mudanças não interferem em como elas encaram o mundo, pois abrem caminhos para novos desafios e maneiras de desejar, permitindo-lhes viver a sexualidade de forma singular.

Dessa forma, a presente pesquisa contribui para a ampliação de conhecimento sobre a interseccionalidade entre gênero, orientação sexual, sexualidade e envelhecimento, proporcionando reflexões importantes sobre a complexidade da vivência das mulheres lésbicas nessa fase de vida. Espera-se que este estudo possa servir como base para as novas investigações e

políticas públicas que visam promover o respeito, aceitação, e a inclusão das mulheres lésbicas na sociedade.

Por fim, registra-se que um dos desafios enfrentados durante esta pesquisa foi a restrição no acesso à população estudada. Isso, por si só, evidencia as dificuldades deste público em tornar-se visível, o que se constitui como tema pertinente para novas pesquisas e estudos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Gênero, identidade, diferença. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [s./l.], v. 9, p. 90-97, dez. 2002. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.9.90-97> . Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17919/14709>. Acesso em: 07 ago. 2022.
- ALMEIDA, Thiago de; LOURENÇO, Maria Luiza. Amor e sexualidade na velhice: direito nem sempre respeitado. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 5, n. 1, p. 130-140, jun. 2008. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/104/187> . Acesso em: 23 fev. 2024.
- ALVES, Amanda Almeida; AZEVÊDO, Bruna Gusmão; SILVA, Diogo Sousa; CANNONE, Lara Araújo Roseira; CAVALCANTE, Luana dos Santos; ALVES, Raíssa Lé Vilasboas; MOURA, Ricardo Henrique Gonçalves de; FELZEMBURG, Ridalva Dias Martins; CASTRO, Rosângela Barros (org.). **Psicologia, sexualidades e identidades de gênero: guia de referências técnicas e teóricas**. Salvador: CRP-03, 2018. 38 p. Disponível em: <https://www.crp03.org.br/wp-content/uploads/2019/01/CRP03-Cartilha-Psicologia-Sexualidades-e-Identicidades-de-G%C3%AAnero-1.pdf> . Acesso em: 16 nov. 2022.
- ALVES, Andrea Moraes. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 213-233, jun./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/3jRy8yYzMt3zWYr9XYLmN6b/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 16 nov. 2022.
- ARÁN, Márcia; JÚNIOR, Carlos Augusto Peixoto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu**, [s./l.], n. 28, p. 129-147, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/S8ZC8SBtVHHPZLsfK5KWdMb/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 16 nov. 2022.
- ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; CARLOS, Karolyna Pessoa Teixeira. Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, [s./l.], v. 8, n. 1, p. 218-237, mai./out. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/pcs/v8n1/1688-7026-pcs-8-01-188.pdf> . Acesso em: 08 ago. 2022.
- BARNETT, Catherine. **My people**: a project exploring the experiences of gay, lesbian, bisexual, transgender and intersex seniors in aged-care services. Victoria: Matrix Guild Victoria Inc., 2008. 105 p.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. 600 p.

BONFIM, Flavia Gaze; VIDAL, Paulo Eduardo Viana. Encontros e desencontros de Judith Butler com a psicanálise. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 1200-1219, set./out. 2021. DOI:

<http://dx.doi.org/10.12957/epp.2021.62735> . Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/62735/39412> . Acesso em: 10 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília, 2013. Disponível em:

https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf . Acesso em: 16 nov. 2022.

CAMPOS, Laís Sudré; GUERRA, Valeschka Martins. O ajustamento familiar: associações entre o apoio social familiar e o bem-estar de homossexuais.

Psicologia Revista, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 33–57, 2016. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/29609> . Acesso em: 03 mar. 2023.

CHERIX, Kátia. Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 39-51, jun. 2015. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v18n1/v18n1a03.pdf> . Acesso em: 23 fev. 2024.

COSTA, Barbara Regina Lopes. Bola de Neve Virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social - RIGS**, Bahia, v. 7, n. 1, p. 15-37, jan./abr. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649/16131> . Acesso em: 10 out. 2023.

CRENITTE, Milton Roberto Furst; MIGUEL, Diego Felix; JACOB FILHO, Wilson. Abordagem das particularidades da velhice de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. **Geriatrics, gerontology and aging**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 50-56, 2019. DOI: 10.5327/Z2447-211520191800057. Disponível em:

<https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/ggaging.com/pdf/v13n1a09.pdf> . Acesso em: 31 maio 2024.

CRUZ, Shimênia Vieira de Oliveira; FONTENELLE, Aléssia Silva. Sexualidade, Corpo e Psicanálise. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 20, n. 3, p. 1-11, dez. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i3.e8756> . Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v20n3/01.pdf> . Acesso em: 28 fev. 2024.

DIAS, Eliane A. Costa. Amor des-medido: a sexualidade feminina, entre o desejo e o gozo. **Psicologia Hospitalar**, São Paulo, v. 5, p. 60-72, jan. 2007. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ph/v5n1/v5n1a05.pdf> . Acesso em: 28 fev. 2024.

FERNANDES, Juliana; BARROSO, Karoline; ASSIS, Amanda; POCAHY, Fernando. Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura. **Clinica & Cultura**, [s.l.], v. 4, n. 1, p. 14-28, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/clinicaecultura/article/view/3403> . Acesso em: 16 nov. 2022.

FERNANDES, Maria das Graças Melo. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 5, p. 705-710, set./out. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000500009> . Acesso em: 16 nov. 2022.

FIGUEIREDO, Maria do Livramento Fortes; TYRREL, Maria Antonieta Rubio; CARVALHO, Cecília Maria R. Gonçalves de; LUZ, Maria Helena Barros Araújo; AMORIM, Fernanda Cláudia Miranda; LOIOLA, Nay Leite de Araújo. As diferenças de gênero na velhice. **Revista Brasileira em Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 4, p. 422-427, jul./ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/kMmykr8LV5nfDjtYJtsF65y/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 16 nov. 2022.

FONSECA, Alexandre; ISHIDA, Luís Henrique. **Situação da cirurgia plástica no Brasil**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, 2018. 25 slides, colorido. Disponível em: http://www2.cirurgioplastica.org.br/wp-content/uploads/2019/08/Apresentac%C%A7a%CC%83o-Censo-2018_V3.pdf . Acesso em: 21 set. 2023.

FONTANIVE, Stéfani. Número de cirurgias plásticas cresce a cada ano e suscita debates sobre a autoimagem na sociedade de consumo. **Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**. Porto Alegre. 09 fev. 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/numero-de-cirurgias-plasticas-cresce-a-cada-ano-e-suscita-debates-sobre-a-autoimagem-na-sociedade-de-consumo/> . Acesso em: 21 set. 2023.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a sexualidade. *In*: FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Stantard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Volume 7). Tradução: Jayme Salomão.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Edição Stantard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Volume 12). Tradução: Paulo César de Souza.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Mara Helena de Andréa (org.). **O clássico e o novo**: tendências, objetos e

abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. 444 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/d5t55/pdf/goldenberg-9788575412510.pdf> . Acesso em: 28 fev. 2024.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda Editorial, 2018. 536 p.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2022. 49. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. 154 p. (Estudos & Pesquisas: informação demográfica e socioeconômica vol. 49). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101979.pdf> . Acesso em: 21 set. 2023.

KONRATH, Morgana; RAMA, Camila; BARBOSA, Marcus Levi Lopes. Envelhecimento da população LGBT: uma revisão sistemática da literatura nacional. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 9, n. 2, p. 134-150, jul./dez. 2023. Disponível em: http://198.211.97.179/periodicos_novo/index.php/genero/article/view/1738/2420 . Acesso em: 29 fev. 2024.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor e desejo**: um estudo psicanalítico. 2014. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37140> . Acesso em: 10 out. 2022.

LACAN, Jacques. A significação do falo. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.692-703. Acesso em: 12 mar. 2023.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: a relação de objeto. Livro 4. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. Acesso em: 12 mar. 2023.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEITE, Inês Matias. **Envelhecimento homossexual**: preocupações, anseios e preconceitos sentidos. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gerontologia Social, Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Porto, 2014. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6498/1/In%C3%AAs%20Matias%20Leite.pdf> . Acesso em: 16 nov. 2022.

LIMA, Edilene de. A sexualidade na psicanálise: reflexões a respeito da dualidade, do gênero e da homofobia. **Revista de Psicanálise da SPPA**, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 569-583, dez. 2018. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/05/995523/11_a-sexualidade_edilene-lima_v25_n3_2018.pdf . Acesso em: 28 fev. 2024.

LIMA, Tânia Gonçalves. **Tornar-se velho**: o olhar da mulher homossexual. 2006. 150 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/12499/1/GER%20-%20TANIA%20GONCALVES%20LIMA.pdf> . Acesso em: 30 mar. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 23 fev. 2024.

MÉLLO, Ricardo Pimentel. Corpos, heteronormatividade e performances híbridas. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 197-207, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/9ywwLKWfTzTmTJdhR5XTb/?format=pdf> . Acesso em: 07 out. 2022.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A Revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1527-1541, set. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/tp2018.3-14pt> . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/M7ckhVvTmWTxRDQcFN9YYmK/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 10 out. 2023.

OLIVEIRA, Edicleia Lima de; REZENDE, Jaqueline Martins; GONÇALVES, Josiane Peres. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. **Revista Ártemis**, [s.l.], v. 26, n. 1, p. 303-314, jul./dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2018v26n1.37320> . Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37320/21729> . Acesso em: 23 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> . Acesso em: 20 mar. 2022.

PEREIRA, Rafaela dos Santos. **Sair ou não sair do armário?**: micro-agressões e o impacto da revelação da orientação sexual no stress e nos seus mecanismos psicofisiológicos. 2019. 61 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco, Departamento de Psicologia Social e das Organizações, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2019. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/20732/4/master_rafaela_santos_pereira.pdf . Acesso em: 21 out. 2023.

PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune Coelho; VIEIRA, Hortênsia Isabela dos Santos. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, [s.l.], v. 19, n. 1, p. 1-88, mar. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/epsic/a/hmnDL9rQSLJyQxfNgmsp9dq/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 10 nov. 2023.

PINHEIRO, Guilherme Galhardo. **Isso é tão gay!**: micro-agressões, homofobia internalizada, stress e mecanismos psicofisiológicos. 2019. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco, Departamento de Psicologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2019. Disponível em:

https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/19054/1/master_guilherme_galhardo_pinheiro.pdf . Acesso em: 21 out. 2023.

POESCHL, Gabrielle; VENÂNCIO, Joana; COSTA, Daniel. Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. **Psicologia**, Lisboa, v. 26, n. 1, p. 33-53, 2012. Disponível em:

<https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/261/26> .

Acesso em: 28 fev. 2024.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

REBELLATO, Carolina; GOMES, Margareth Cristina de Almeida; CRENITTE, Milton Roberto Furst (org.). **Introdução às velhices LGBTI+**. Rio de Janeiro: Folio Digital, 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 892 p.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estud. Interdiscip. Envelhec.**, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/viewFile/4716/2642> . Acesso em: 30 mar. 2022.

SANTOS, Joana Raquel Silveira. **Preconceito e discriminação face a minorias sexuais**. 2018. 85 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia da Educação, Universidade de Évora, Portugal, 2018. Disponível em: <http://rdpc.uevora.pt/bitstream/10174/23428/1/Mestrado%20-%20Psicologia%20-%20Psicologia%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20Joana%20Raquel%20Silveira%20Santos%20-%20Preconceitos%20e%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20face%20a%20minorias%20sexuais.pdf> . Acesso em: 16 nov. 2022.

SANTOS, Nadyne Pastoriza dos; ABREU, Paula Daniella de; ARAÚJO, Ednaldo Cavalcante de; FREITAS, Natália Oliveira de; ARAÚJO, Hulda Vale de; SANTOS, Claudia Benedita dos. Family relationships in the social network for young male homosexuals. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 73, n.

6, p. 1-7, jan. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0393> .

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/B4JvWW3Fjg4zzxWBHNZRqyr/?format=pdf&lang=en> . Acesso em: 21 nov. 2023.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Revista Bagoas**: estudos gays - gênero e sexualidades, [s./], v. 4, n. 5, p. 67-78, 2010. Tradução de: Felipe Bruno Martins Fernandes.

Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312/1745> .

Acesso em: 20 set. 2023.

SILVA, Bárbara Helena da Silva e; VIECILI, Juliane. Características do comportamento de microagressão contra pessoas trans em ambientes de trabalho. **Revista Perspectivas**, [s./], v. 1, n. 1, p. 271-288, jan. 2022.

Disponível em:

<https://revistaperspectivas.emnuvens.com.br/perspectivas/article/view/851/416> .

Acesso em: 23 fev. 2024.

SILVA, Fernando Rodrigues; NARDI, Henrique Caetano. A construção social e política pela não-discriminação por orientação sexual. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 251-265, 2011. DOI:

<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312011000100015> . Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/physis/a/kYKJsyJM5qdcXYpSjPkVpfw/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 26 fev. 2024.

SILVA, Judite Beatriz Pais da. **O outro lado de mim**: o peso da orientação sexual no envelhecimento LGBT. 2018. 330 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018. Disponível em:

<https://run.unl.pt/bitstream/10362/61897/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Sociologia%20-%20%20Judite%20Silva%2c%20n.35800.pdf> . Acesso em: 10 out. 2023.

SILVA, Letícia Alcântara da; SANTOS, Ester Lima dos; SOUZA, Helena Kellen Barbosa de; PODEMELLE, Rubenyta Martins; SOARES, Renê Ribeiro; MENDONÇA, Sarah de Souza. Envelhecimento e velhice LGBTQIA+: repercussões sobre a saúde física e mental de pessoas de meia-idade e idosas. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [s./], v. 33, p. 1-12, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.35919/rbsh.v33.1013> . Disponível em:

https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1013 . Acesso em: 26 fev. 2024.

SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. São Paulo: Paidós, 2022. 160 p.

SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

SPINK, Mary Jane; LIMA, Helena. Rigor e visibilidade. *In*: SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 50-78.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. *In*: Spink, Mary Jane Paris (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2000.

APÊNDICES

Apêndice A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) UNIVERSIDADE DE
PASSO FUNDO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENVELHECIMENTO HUMANO**

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada “A vivência de mulheres idosas lésbicas: entre o amor e o preconceito” de responsabilidade da pesquisadora Larissa Sasso Bernardi, orientada pela Profa. Dra. Cristina Fioreze, e coorientada pela Profa. Dra. Ana Suy Sesarino Kuss, cujo objetivo é a partir do ponto de vista de mulheres idosas e lésbicas como se expressa o preconceito vivenciado por elas.

Esta pesquisa justifica-se no sentido de proporcionar um estudo que ampare as idosas LGBTQIA+, que vivenciam tripla exclusão: ser idosa, ser mulher e ser homossexual. Nesse sentido, refletir sobre essa temática, proporciona auxílio para serem pensadas estratégias de prevenção à saúde tanto física quanto psíquica do sujeito.

A sua participação na pesquisa acontecerá em um único momento, em dia e horário a combinar, segundo sua preferência e disponibilidade. A entrevista terá duração aproximada de uma hora, e será individual, com aplicação de questionário contendo perguntas sobre suas experiências de vida.

Ao participar da pesquisa, você terá como benefício um momento de livre expressão, futuramente este conhecimento poderá servir como embasamento na formulação de alternativas para intervenção no benefício da sociedade. Você terá a garantia de receber esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada à pesquisa e poderá ter acesso aos seus dados em qualquer etapa do estudo, inclusive os dados finais.

Ao participar da pesquisa os riscos a serem considerados, são devido a extrema sensibilidade para se trabalhar essa temática, o que pode gerar angústia e sentimento de tristeza. Pode assim gerar desconfortos advindos de lembranças desagradáveis ou qualquer alteração ao estado do sujeito.

Sua participação nesta pesquisa não é obrigatória e você pode desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem risco de represálias ou punição e também sem nenhuma penalização ou prejuízo a si. Havendo despesas em relação à alimentação ou transporte, você terá o direito de ser ressarcido (a) e você não receberá pagamento pela sua participação no estudo. Caso ocorra dano comprovadamente decorrente da sua participação na pesquisa, você tem o direito de buscar indenização.

As suas informações serão gravadas, transcritas e posteriormente destruídas. Os dados relacionados à sua identificação não serão divulgados. A utilização de codinomes preservará sua privacidade.

Os resultados da pesquisa serão divulgados, mas você terá a garantia do sigilo e da confidencialidade dos dados, privacidade, proteção da imagem, bem como a não utilização das informações em prejuízo seu e/ou da comunidade. Será garantido a você que os dados do estudo desenvolvido serão utilizados unicamente como previstos no projeto de pesquisa.

Caso você tenha dúvidas sobre o comportamento da pesquisadora ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, e caso se considere prejudicada na sua dignidade e autonomia, você pode entrar em contato com a pesquisadora Larissa Sasso Bernardi (55) 984 493641, ou com o curso de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano (54) 3316 – 8384, ou também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, pelo telefone (54) 3316 – 8157, no horário das 08h às 12h e das 13h30min às 17h30min, de segunda a sexta-feira. O Comitê está localizado no Campus I da Universidade de Passo Fundo, na BR 285, Bairro São José, Passo Fundo/RS.

O Comitê de Ética em Pesquisa exerce papel consultivo e, em especial, educativo, para assegurar a formação continuada dos pesquisadores e promover a discussão dos aspectos éticos das pesquisas em seres humanos na comunidade. Desta forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo.

Desde já agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pela pesquisadora responsável em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora.

Assinaturas

Pesquisadora: _____

Assinatura _____

Nome do participante:

Assinatura

Apêndice B. Roteiro Norteador

Roteiro Norteador

Caracterização das mulheres idosas:

Data de nascimento:

Profissão/ocupação:

Etnia:

Anos de estudos:

Estado Civil:

Mora com uma companheira? Quanto tempo?

Tem filhos?

Número de filhos:

Idades:

1. Partindo do ponto de vista que o ser lésbica possui um efeito significativo, que ecoa nas relações familiares, como seus familiares entenderam/entendem sua orientação? Quais foram os efeitos?
2. A questão referente a sua sexualidade pode ter marcado as formas de vínculo com seus familiares. Assim sendo, como é sua relação com sua família?
3. Se tornar mulher é um percurso, assim como, o envelhecer é um processo singular. Sendo assim, o processo de envelhecer enquanto mulher lésbica é algo subjetivo. Diante disso, como é, para você, envelhecer enquanto mulher lésbica?
4. Ser lésbica implica em ser resistência e reexistência em diferentes ciclos sociais. Você vivenciou preconceito ou discriminação pela orientação sexual? Poderia explicar? E como você acredita que isso pode ter influenciado sua forma de envelhecer/velhice?
5. Amor é amor. Entretanto, cada sujeito vivencia o amor de uma forma singular, a partir da sua existência. Dessa forma, como você vivencia o

amor? Teve/tem um relacionamento afetivo? Como acontece a comunicação de afeto do casal? Há expressão de afeto em forma de carinho, se este é velado ou manifesto? Como se tratam socialmente? Como são seus círculos de amizades?

ANEXOS

Anexo A. Parecer Consubstanciado do CEP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A vivência de mulheres idosas lésbicas: entre o amor e o preconceito

Pesquisador: LARISSA SASSO BERNARDI

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 65368322.9.0000.5342

Instituição Proponente: Universidade de Passo Fundo/Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.827.466

Apresentação do Projeto:

Ao pensar sobre a velhice e sexualidade contemporaneamente, inaugura-se a possibilidade de questionamento acerca da estrutura social e como isto poderia implicar nesses sujeitos, circulando entre as vias possíveis. O presente estudo tem como objetivo geral analisar, a partir do ponto de vista de mulheres idosas e lésbicas como se expressa o preconceito vivenciado por elas. Para os objetivos específicos, a pesquisa busca mapear as microagressões vivenciadas por idosas lésbicas, analisar o amparo nas relações familiares desta população e compreender o conceito do amor no processo do envelhecimento. Trata-se de um estudo de campo, de abordagem qualitativa do tipo descritiva. A presente pesquisa consiste em estudo de campo do tipo descritivo com abordagem qualitativa, do tipo fenomenológica. A população do estudo será constituída por mulheres idosas e lésbicas. A amostragem será composta por seis a dez mulheres, definidas pelo método snowball. Os dados serão analisados por meio da análise de práticas discursivas. Entendemos por práticas discursivas as diferentes maneiras em que as pessoas, através dos discursos, ativamente produzem realidades psicológicas e sociais.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar, a partir do ponto de vista de mulheres idosas e lésbicas como se expressa o preconceito vivenciado por elas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - 4º andar Centro Administrativo

Bairro: São José

CEP: 99.052-900

UF: RS

Município: PASSO FUNDO

Telefone: (54)3316-8157

E-mail: cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ VICE-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO - VRPPG/ UPF



Continuação do Parecer: 5.827.466

Riscos:

Os riscos a serem considerados, são devido a extrema sensibilidade para se trabalhar essa temática, o que pode gerar angústia, sentimento de tristeza. Pode assim gerar desconfortos advindos de lembranças desagradáveis ou qualquer alteração ao estado do sujeito. Neste caso, a(s) participante(s) será encaminhada para acompanhamento de profissional de saúde mental.

Benefícios:

Ao participar da pesquisa, você terá como benefício um momento de livre expressão, futuramente este conhecimento poderá servir como embasamento na formulação de alternativas para intervenção no benefício da sociedade. Você terá a garantia de receber esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada à pesquisa e poderá ter acesso aos seus dados em qualquer etapa do estudo, inclusive os dados finais

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A presente pesquisa consiste em estudo de campo do tipo descritivo com abordagem qualitativa, do tipo fenomenológica. A população do estudo será constituída por mulheres idosas e lésbicas. A amostragem, será composta por seis a dez mulheres. A amostragem do estudo será não probabilística e definida por conveniência, pelo método snowball (bola de neve). O local do estudo será em qualquer município brasileiro de grande ou médio porte, pois em cidades com maiores números populacionais é possível encontrar mais facilmente a população do estudo. Para a coleta de dados será realizada uma entrevista não-estruturada de forma individual com cada uma das participantes, sem tempo cronologicamente determinado para o fim da entrevista, em horários e locais agendados conforme disponibilidade dos sujeitos participantes. As entrevistas poderão ser realizadas presencialmente ou pelo google meet, de acordo com o local de residência da entrevistada. As entrevistas serão gravadas, se autorizadas. As participantes serão identificadas por codinomes, a fim de preservar seu anonimato. Para a análise dos dados será uma abordagem de análise discursiva como a linguagem como prática social, com isso, possibilita a circulação de falas, posições, constrói e desconstrói lugares, ou seja, produz efeitos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os direitos fundamentais dos participantes foram garantidos no projeto e no TCLE. O protocolo foi instruído e apresentado de maneira completa e adequada. Os compromissos do pesquisador e das instituições estavam presentes. O projeto foi considerado claro em seus aspectos científicos,

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - 4º andar Centro Administrativo

Bairro: São José

CEP: 99.052-900

UF: RS

Município: PASSO FUNDO

Telefone: (54)3316-8157

E-mail: cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ VICE-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO - VRPPG/ UPF



Continuação do Parecer: 5.827.466

metodológicos e éticos.

Recomendações:

Após a conclusão da pesquisa recomenda-se:

- A devolução dos resultados do estudo aos sujeitos da pesquisa ou a instituição que forneceu os dados;
- Enviar o relatório final da pesquisa, pela plataforma, utilizando a opção, no final da página “Enviar Notificação” + relatório final.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, este Comitê, de acordo com as atribuições definidas na Resolução 466/12 ou 510/16, do Conselho Nacional da Saúde, Ministério da Saúde, Brasil, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa na forma como foi proposto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|---------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2046383.pdf | 17/12/2022 10:20:25 | | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf | 17/12/2022 09:44:45 | LARISSA SASSO BERNARDI | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJETOPLATAFORMA.pdf | 21/11/2022 20:49:36 | LARISSA SASSO BERNARDI | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaDeRostoLarissa.pdf | 21/11/2022 20:31:49 | LARISSA SASSO BERNARDI | Aceito |
| Outros | Declaracao.pdf | 18/11/2022 17:06:09 | LARISSA SASSO BERNARDI | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Não

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - 4º andar Centro Administrativo

Bairro: São José

CEP: 99.052-900

UF: RS

Município: PASSO FUNDO

Telefone: (54)3316-8157

E-mail: cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ VICE-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO - VRPPG/ UPF



Continuação do Parecer: 5.827.466

PASSO FUNDO, 19 de Dezembro de 2022

Assinado por:
Felipe Cittolin Abal
(Coordenador(a))

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - 4º andar Centro Administrativo

Bairro: São José

CEP: 99.052-900

UF: RS

Município: PASSO FUNDO

Telefone: (54)3316-8157

E-mail: cep@upf.br



UPF

UNIVERSIDADE
DE PASSO FUNDO

UPF Campus I - BR 285, São José
Passo Fundo - RS - CEP: 99052-900
(54) 3316 7000 - www.upf.br